AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

VOL. 2 N.º 2

3 DE FEVEREIRO DE 1978.

GOMES FREIRE
13.II.78
D.R. - RIO

BRASIL CORREIO
Cr$ 00,50
10.416

0000000314
BIBLICTECA KARL A BOEDECKER
ESCOLA DE ADM DE EMPRESAS
FGV ATT TANIA RODRIGUES MENDES
AV 9 DE JULHO 2029 10 ANDAR
SAO PAULO SP

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

AGROANALYSIS é uma publicação do Grupo de Informação Agrícola (GIA) dedicada à análise e previsão dos mercados agropecuários, cuja periodicidade é quinzenal de fevereiro a agosto, e mensal de setembro a janeiro.

COORDENADOR Paulo Rabello de Castro

QUADRO TÉCNICO E ÁREAS DE INTERESSE

Abastecimento, Tributação, Infraestrutura Rural	—	Ailton Coentro Filho
Insumos Modernos, Meteorologia	—	Bruno M. Rangel Pessanha
Economia Internacional, Feijão	—	Roberto Moreno Moreira
Situação Fundiária e Trabalhista, Política Nacional	—	José Marcos Lemos Fochi
Moeda e Crédito, Cana-de-Açúcar, Mandioca	—	Moema Unis Benevides
Arroz, Café, Fumo	—	Regis N. Cunha Alimandro
Pecuária Bovina	—	Antonio R. Marques Gonçalves
Oleaginosas, Trigo, Metais	—	Fernando R. Freitas Almeida
Serviço de Informações Básicas	—	Francisco A. Fonseca Menezes
Fibras, Processamento Agroindustrial e Agrocomercial	—	Inês Teresa Lyra
Cacau, Fruticultura, Horticultura	—	Itazil F. Benício dos Santos
Milho, Rações, Animais de Pequeno Porte	—	Ivan Wedekin

QUADRO DE APOIO

Documentação	—	Maria Eunice Rocha
Secretaria	—	Maria Dolores G. Fernandez
	—	Maria Beatriz R. Fernandes
	—	Maria do Carmo M. Gomory
	—	Desirée Virgínia Machado
	—	Jorge Martins dos Santos

Agroanalysis. v.I — , n.1 —; 1977 —
Rio de Janeiro, Grupo de Informação Agrícola
v. ilust. 30cm Quinzenal (fev. a ago.)
Mensal (set. a jan.)

1. Agricultura — Periódicos. I. Grupo de Informação Agrícola

CDU 631(05)

Grupo de Informação Agrícola
Av. Gomes Freire, 647 — 10º — ZC-58
Fones: 232-5001, 232-6827, 232-8678 e 232-2548
Telex: 212-3840 FGVE BR
20.000 — Rio de Janeiro — RJ
BRASIL

BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
Escola de Administração de
Empresas de São Paulo

AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

vol. 2 nº 2

3 de fevereiro de 1978

ÍNDICE

PANORAMA AGROPECUÁRIO

Preços no Mercado Externo pág. 2
Preços no Mercado Interno pág. 4
Preços Relativos pág. 6
Fatores de Produção pág. 8

COMENTÁRIOS

Milho pág.10
Algodão pág.11
Lã pág.12
Trigo pág.12
Açúcar pág.13
Soja pág.14

NOTA DA EDIÇÃO

Neste número de AGROANALYSIS introduzimos mais um módulo ao PANORAMA AGROPECUÁRIO: trata-se de um texto analítico sobre FATORES DE PRODUÇÃO, com um balanço da situação de tratores e fertilizantes.

Cabe destaque especial, dentro desta edição, à soja e ao milho. No caso da leguminosa dois são os aspectos ponderáveis: limitadas perspectivas de expansão da cultura em decorrência da prolongada estiagem no sul do país e preços estáveis no mercado internacional dada a grande safra norte-americana. O milho, produto em que o país é o 3º maior produtor mundial, apresenta grande quebra dentro do país, o que levanta a possibilidade de se recorrer a importações.

Analisamos, ainda, o algodão, cuja produção se defronta com elevado *carry over*. Isto cria perspectivas de amplas operações de EGF que, juntamente com o café e, talvez, a soja, poderão pressionar o quantitativo de crédito rural destinado à comercialização. Neste número, apresentamos, também, comentários sobre o trigo — discutindo as limitações à sua expansão na próxima safra, o açúcar — que atravessa problemas de excedentes de produção no mercado internacional, e a lã — produto cuja colocação no mercado interno parece vantajosa.

Em conjunto, as tendências contidas no PANORAMA AGROPECUÁRIO revelam poucas novidades em comparação com a quinzena anterior. Entretanto, destaque-se a perspectiva de queda gradual e moderada nos mercados internacionais de café e cacau. Ao lado disso, as oscilações dos PREÇOS RELATIVOS mostram a gradual perda de vantagem da soja em relação ao milho no mercado externo, enquanto, internamente, a margem de lucro dos avicultores passa a ser fustigada por preços descendentes de aves em contraposição aos preços das rações.

Agroanalysis	Rio de Janeiro	v. 2	n. 2	pág. 1 a 16	fev. 1978

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

Panorama Agropecuário

GUIA DE LEITURA
Sugere-se que a leitura obedeça a seguinte ordem:
1º – Posição da última quinzena
2º – Comparação percentual com o passado (Posição de um ano antes e Posição de um mês antes)
3º – Comportamento dos futuros
4º – Perspectivas dos próximos 30 dias com seus respectivos fatores ponderáveis.

ATÉ: 30/1/78

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição nominal um mês antes	Posição da última quinzena	Posição real dos futuros 78 78 78 78 78 78 79 jan mar mai jul set nov jan	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
AÇÚCAR RAW MERC.–N.YORK US ¢/lb–peso Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	-5%	-8%	US¢ 9,36 (mar)	+3% +5%	→	. Mercado calmo apesar de anunciada compra da China, e da sobretaxa norte-americana. §§ Ver Comentários
ALGODÃO 1-1/16"M-Memphis MERC.–N.YORK US¢/lb–peso Fontes: Reuters, Cotton World Stat.	+36%	-6%	US¢ 52,49	+5% +7%	→	. Divulgadas intenções de plantio superiores às esperadas, embora inferiores 7,3% ao período 77/78. . Complexo soja em baixa.
CACAU BAHIA MERC.–N.YORK US ¢/lb–peso Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	+36%	+9%	US¢ 135,71 (mar)	-7% -18%	↘	. Mercado sob influência da safra africana.
CAFÉ SANTOS MERC. – N.YORK US ¢/lb–peso Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	+20%	-5%	US¢ 192,63 (mar)	-9% -27%	↘	. Redução do preço de registro do IBC e vendas especiais da Colômbia.

* **Valores deflacionados pelo IPA norte–americano, do INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS – FMI; para os preços futuros, usa–se a média ponderada dos deflatores dos últimos três anos.**

NOTA: Cotações no disponível de açúcar, cacau e café suspensas. Considera-se, então, o futuro 1ª entrega.

Panorama Agropecuário

PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. *Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são*, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudança, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição nominal um mês antes	Posição da última quinzena	Posição real dos futuros 78 78 78 78 78 78 79 jan mar mai jul set nov jan	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
MILHO TWO YELLOW MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	+24%	-1%	US¢ 216,86	+3% +1%	➡	. Intenções de plantio de -2% que a safra 77/78.
SOJA - GRÃO ONE YELLOW MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	+36%	+6%	US¢ 552,81	+2% +3% -1%	➡	. Depois da divulgação de +8% nas intenções de plantio dos EUA. . Mercado sujeito a movimentos especulativos, podendo resultar em maior baixa.
SOJA FARELO MERC. – CHICAGO US$/T. Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	+47%	+2,6%	US$ 157,00	-3% -2%	➡	. Sem alteração.
TRIGO SOFT RED MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	+8%	-1%	US¢ 268,44	+1% +7%	➡	. Sem alteração.

* Valores deflacionados pelo IPA norte–americano, do INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS – FMI; para os preços futuros, usa–se a média ponderada dos deflatores dos últimos três anos.

Panorama Agropecuário

GUIA DE LEITURA
Sugere-se que a leitura obedeça a seguinte ordem:
1º – Posição da última quinzena
2º – Comparação percentual com o passado (Posição de um ano antes e Posição de um mês antes)
3º – Perspectivas dos próximos 30 dias com seus respectivos fatores ponderáveis.

ATÉ: 30/1/78

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição real * um mês antes	Posição da última quinzena	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
ALGODÃO Tipo 5–Sul do BR MERC. – SP Cr$/15 kg Fonte: Bolsa de Mercadorias de SP	+64%	-2%	Cr$ 290,60	→	Clima desfavorável pode atrasar entrada da nova safra sul, mas, falta de liquidez pode pressionar vendas. §§ Ver Comentários
ARROZ Amarelão-Est. Cen. MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	-21%	+2,1%	Cr$ 375,00	↗	. Sem alteração.
CAFÉ Tipo 7/8 MERC. – RJ Cr$/sc 60 kg Fonte: Cent. do Com. de Café do RJ	+33%	+2%	Cr$ 2.089,00	↘	. Resultante da depreciação do nível real do preço mínimo.
BOI GORDO – MERC. – Pres. Prud. Cr$/arroba Fonte: IEA–SP	-14%	+1%	Cr$ 275,00	↘	. Sem alteração.

* Valores deflacionados pelo IGP, col. 2, CONJUNTURA ECONÔMICA – FGV

Panorama Agropecuário

PREÇOS NO MERCADO INTERNO

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudança, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

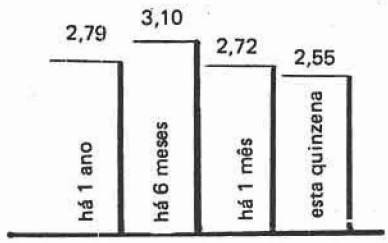
PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição real* um mês antes	Posição da última quinzena	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
FEIJÃO Preto Comum MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	+31%	+4%	Cr$ 370,00	→	. Sem alteração.
FRANGO Abatido MERC. – SP Cr$/kg Fonte: APA	+9%	+9%	Cr$ 15,88	→	. Redução da margem de lucro dos integradores e elevação da relação de preços boi/frango.
MILHO Amarelo Semi-duro MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	-9%	-1%	Cr$ 105,00	↗	. Novas vendas da CFP podem deter atual movimento altista. §§ Ver Comentários
SOJA-GRÃO Industrial MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	+24%	-8%	Cr$ 193,75	→	. Sem alteração.

* Valores deflacionados pelo IGP, col. 2, CONJUNTURA ECONÔMICA – FGV

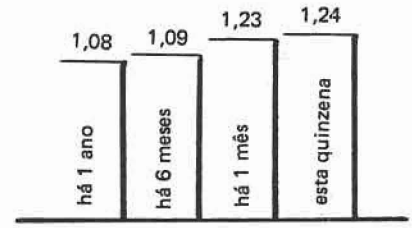
MERCADO EXTERNO

ATÉ: 31/1/78

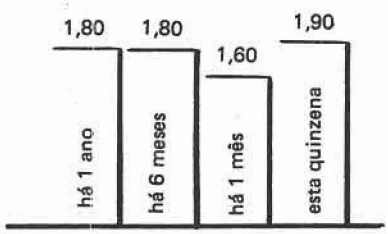
Soja / Milho



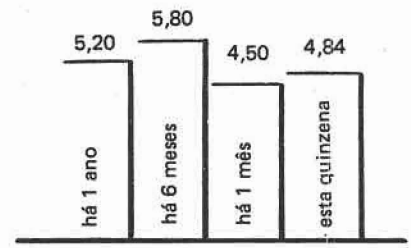
Trigo / Milho



Algodão / Soja



Algodão / Milho



FONTES – Algodão: Reuters, Cotton World Statistics. Soja, Milho e Trigo: Reuters, Commodity Year Book.

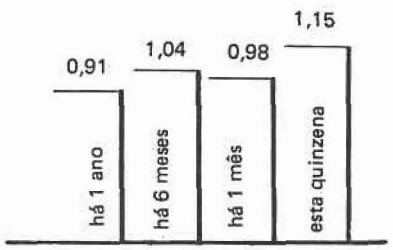
NOTAS: Preços relativos sofrendo algumas alterações, especialmente no que diz respeito à relação entre soja e algodão, cujos mercados mais se alteraram ultimamente, ocorrendo queda no preço da soja e alta moderada no de algodão. ** O preço relativo trigo/milho teve seu crescimento desacelerado esta quinzena devido ao impacto, sobre os preços do milho, da recente divulgação dó relatório de intenções de plantio do USDA, que revela uma redução de 2% no plantio de milho para a próxima safra norte-americana. ** A queda que já se verificara, anteriormente, nos preços relativos de soja e milho, mostra-se agora um pouco mais acentuada, em decorrência do declínio verificado no preço da soja. **

Panorama Agropecuário

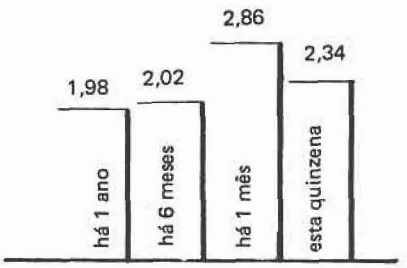
PREÇOS RELATIVOS

MERCADO INTERNO

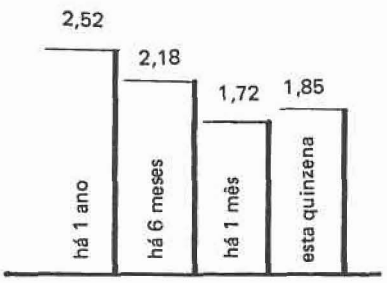
Boi Gordo / Frango Abatido



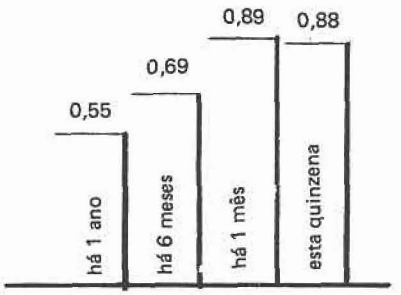
Frango Abatido / Ração Ave Corte



Soja / Milho



Feijão Preto / Feijão a Cores



FONTES – Boi Gordo: IEA-Sec. Agric. SP. Frango Abatido e Ração Ave Corte: IEA-Sec. Agric. SP e APA. Feijão Preto, Feijão a Cores, Soja e Milho: Bolsa de Cereais de SP.

NOTAS: Em comparação à última quinzena, o preço relativo boi gordo/frango abatido sofreu um acréscimo de 3,6% em conseqüência do continuado declínio nos preços do frango abatido. A comparação com a posição de 1 ano antes sugere a progressiva recuperação dos preços do boi gordo, depois de severa descapitalização da pecuária bovina nacional. ** A pressão altista dos preços das rações, em conseqüência do aumento no preço do milho, vem deteriorando significativamente a margem de lucro dos avicultores, como ilustra o indicador de preços frango abatido/ração de ave de corte. ** A relação de preços soja/milho, que vinha declinando de modo acelerado depois do colapso dos preços da soja no mercado externo a partir de maio passado, ganhou, nesta quinzena, um incremento de 7,5% em comparação com a quinzena anterior. O ganho resultou do recente aumento dos preços da soja no mercado interno, em decorrência da esperada quebra da produção da próxima safra. ** Preços oficiais mantidos constantes para o feijão preto, enquanto as cotações do feijão a cores vêm declinando, explicam a trajetória ascendente do preço relativo entre ambos os produtos. **

TRATORES AGRÍCOLAS

(Dados SINFAVEA – Setor Tratores – e colaboração especial de Massey Ferguson do Brasil)

RITMO ATUAL DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS INDUZ AUSTERIDADE AO SETOR.

Com a intenção governamental de manter o atual ritmo de atividades na economia, o ano de 1978 abre-se sob signo semelhante aos dois últimos anos, com uma previsão de expansão de crédito agrícola apenas moderada (da ordem de 32,4%). Este balizamento da disponibilidade de recursos implicará na manutenção de austeridade no ramo da indústria de tratores. São bem conhecidos os resultados dessa política restritiva: os estoques (fábrica e revenda) em dezembro daquele ano representaram 23% da produção anual de 63.418 unidades. Em relação ao exercício de 1977, embora a produção tenha sofrido redução de 18%, o *carry over* para 1978 é da ordem de 10.000 unidades de tratores agrícolas.

CONTRAÇÃO DA PRODUÇÃO TEM SEQUELAS NEGATIVAS.

A impossibilidade de atingir as metas planejadas inicialmente, (o II PND previa uma absorção de 64.800 tratores em 1977) tem levado as empresas a reduzir a programação da produção, com cortes de mão-de-obra da ordem de 7% em 1977, e aumento dos custos unitários de produção como conseqüência do crescimento da capacidade ociosa do parque fabril, que girou em torno de 48% em 1977.

COLOCAÇÃO DA PRODUÇÃO NA DEPENDÊNCIA DIRETA DE RECURSOS CREDITÍCIOS.

Para a indústria, a expansão da produção depende fundamentalmente do mercado interno, pois as expectativas de exportação são ainda limitadas. Em 1977, a exportação de tratores foi de 4.507 unidades, 8,7% da produção total. Partindo dessa premissa, e da previsão de crescimento da área agrícola mecanizada para 1978, elaborada pelo Sistema Nacional de Planejamento Agrícola da Secretaria Geral do Ministério da Agricultura, o Sindicato das Indústrias de Tratores submeteu aos órgãos do Governo uma programação de produção de 71.300 unidades para o ano corrente. Na prática, a colocação dessa produção implicaria em disponibilidade de recursos da ordem de Cr$ 12,5 bilhões, e significaria a retomada da curva de crescimento da produção anual prevalecente antes da imposição de restrições creditícias ao setor, em 1976. A incorporação dessas novas unidades à frota de tratores já existente em fins de 1977 perfaria um montante de 435.000 unidades, gerando a relação de um trator para cada 130 ha cultivados, bastante inferior às relações de países de agricultura mais desenvolvida, como EUA, França e Inglaterra.

REAVALIAÇÃO DA ESTRATÉGIA SETORIAL PARA MANUTENÇÃO DE RITMO DE VENDAS.

Obviamente, o grau de mecanização da agricultura brasileira continua sendo relativamente baixo, mesmo que a relação seja maior do que a média nacional, restrita à Região Centro-Sul (acima de 3/4 da produção agrícola do país). O que se pode levantar como objeção são as distorções que vêm na esteira do processo extremamente rápido de introdução de tecnologia sofisticada. No caso específico da mecanização agrícola, a produção e absorção de tratores tem sido da ordem de 22% ao ano nos últimos 10 anos, evolução acompanhada também pela forte expansão do consumo de fertilizantes e defensivos. Em termos de aumento de produtividade, a resposta a esses incrementos na utilização de insumos modernos não tem sido compatível com a adição desses novos fatores de produção. Portanto, a recessão do setor de tratores poderia conduzir a uma reavaliação da estratégia de produção e uso de máquinas agrícolas a partir de 1978. Um dos aspectos desta reavaliação seria, com certeza, a simplificação das normas para concessão de crédito destinado à aquisição de tratores leves para pequenos produtores, ao lado de uma menor dependência do mercado às linhas de crédito subsidiado.

FERTILIZANTES

(Colaboração da ANDA – Associação Nacional de Difusão de Adubos)

RESULTADOS POSITIVOS EM 1977.

O exercício de 1977, cujo ponto de partida se afigurava sombrio, com a supressão do subsídio de 40% ao produtor para aquisição de fertilizantes, se encerra, todavia, com excelentes marcas: as importações de matérias-primas e fertilizantes pelo porto de Santos foram da ordem de 3.911 mil t (18,8% a mais do que em 76); o consumo aparente foi estimado em 3 milhões de t de nutrientes (691 mil t de N; 1,4 milhão de t de P_2O_5 e 898 mil t de K_2O), apresentando a seguinte performance em relação a 1976: mais 45% de N; mais 18% de P_2O_5; mais 29% de K_2O. Esses resultados recordes revelam o acerto da medida que eliminou o subsídio direto, pois foi saneadora do ponto de vista da política monetária, representando alívio financeiro da ordem de Cr$ 5,8 bilhões.

RESTRIÇÃO DE CREDITO VERSUS EXPANSÃO DO MERCADO PARA A SAFRA 78/79.

Apesar de alguns percalços atinentes à demora na definição do esquema de financiamento ao produtor, o montante de Cr$19 bilhões liberado para o setor durante 1977 foi considerado compatível com as necessidades das empresas. Para 1978, estudo recém-concluído revela que o volume necessário será da ordem de Cr$ 33 bilhões, representando aumento de 70% em relação ao ano passado. Naturalmente, uma reivindicação nesse nível terá como obstáculo a recente limitação de 32,4% para o aumento nominal das disponibilidades creditícias ao setor rural em 1978. Mesmo que o volume de crédito pleiteado no estudo em questão incorpore tanto aumentos reais de consumo quanto de inflação, dificilmente poderá ser atingido devido à franca disposição governamental de manter as rédeas curtas em matéria de combate à inflação. Por outro lado, há expectativa no setor de que as peculiaridades do ano eleitoral influenciem favoravelmente as reinvidicações ora postuladas à altura do plantio 78/79.

VARIAÇÕES DE PREÇOS EM 1978 SOB CONTROLE.

As variações de preços esperadas para 1978 deverão se limitar à corrosão inflacionária da moeda, e às variações dos preços internacionais, já incorporado o aumento estimado em 7 a 8% dos preços finais de NPK em termos de fórmula média, devido à instituição do contingenciamento da entrada de rocha fosfática pelo Conselho de Política Aduaneira. A atuação do CIP no mercado de fertilizantes deverá persistir, apesar das constantes investidas classistas, sob o argumento da forte competitividade comercial do setor.

TRANSPORTE EXIGE ATENÇÃO ESPECIAL.

O atendimento das reivindicações do setor deverá melhorar as condições de transporte, um dos gargalos que oneram os custos finais de fertilizantes. O congestionamento do porto de Santos e suas repercussões no terminal de Conceiçãozinha têm sido resultado da demora na definição das normas que regularão as importações anuais de matérias-primas e fertilizantes. No plano da comercialização, a permanente e pendular expectativa de modificações extemporâneas na sistemática de financiamentos tem provocado acúmulo de entregas em espaço curto de tempo, com prejuízos finais para o produtor e o consumidor. Para 1978, há preocupação do setor quanto ao suprimento das indústrias paulistas com as rochas fosfáticas provenientes do Triângulo Mineiro.

Comentários

MILHO

DECLÍNIO NA PRODUÇÃO 77/78.

Após um ano de grande colheita de milho, são cada vez mais evidentes as perspectivas de declínio na produção brasileira para este ano. Se 1977 foi bastante generoso para a avicultura e a suinocultura nacionais – na medida em que estes segmentos pecuários se defrontaram com preços baixos de milho e rações, mormente após a queda dos preços da soja – os prognósticos para 1978 sugerem uma situação que, embora não se revele completamente sombria, exige a imediata mobilização das autoridades governamentais no sentido de neutralizar as indesejáveis conseqüências da esperada retração da oferta nacional de milho para este ano.

CAUSAS DA PREVISÃO PESSIMISTA.

Com efeito, as evidências deste quadro pessimista começaram a surgir desde o final do ano passado, quando uma elevação sazonal dos preços do milho – após longo período de fraqueza do mercado – foi imediatamente contida com a distribuição de parte dos estoques oficiais. Assim, o milho proveniente dos estoques do governo neutralizou a ascensão dos preços de mercado, precisamente quando os produtores iniciavam o plantio, desestimulando-os. A partir de então, os indicadores de queda brusca na comercialização de sementes para a próxima safra viriam confirmar a esperada redução na área de plantio de milho. Segundo informações de setores privados, os agricultores mais modernos teriam utilizado menos 20% de sementes selecionadas de milho para esta safra, em comparação com a safra 76/77. Finalmente, a prolongada estiagem ocorrida no Sul do país deverá provocar queda na produção, acentuando os contornos da crise que ameaça o abastecimento interno de milho e rações para este ano.

EFICÁCIA DUVIDOSA DA DESOVA DE ESTOQUES.

Do quadro apresentado, é importante destacar os efeitos indesejáveis que resultam de diretrizes políticas de efeito conjuntural associadas ao necessário combate à inflação. Como o milho tem uma participação de certa expressividade no índice de preços por atacado, a elevação do preço do produto a partir do último trimestre do ano passado tornou-se um súbito incômodo ao cumprimento das metas da política econômico-financeira, ocasionando a liberação dos estoques governamentais. Entretanto, forçar a queda de preço em plena época de semeadura é correr um elevado risco de se ter o produto escasso a médio prazo e, portanto, preços em alta. A medida, concebida originariamente para travar as cotações, acabou resultando, senão num problema mais grave de elevação de preços, no mínimo numa transferência do problema de um ano para o seguinte. É oportuno, assim, um questionamento da eficácia de tais medidas de efeito conjuntural, que proporcione uma exata dimensão dos possíveis desdobramentos indesejáveis daquelas diretrizes.

OS NÚMEROS PARA 1978.

Para este ano, o consumo nacional de milho está estimado em 18 milhões de t. A produção, entretanto, não deverá ultrapassar 16 milhões de t, o que, somado a uma previsão de 1 milhão de t do estoque remanescente da safra passada, resulta numa oferta total de 17 milhões de t. Evidentemente, o déficit esperado de 1 milhão de t

deverá ser coberto, pelo menos parcialmente, com importações de milho – é possível que estas importações cheguem mesmo a 500 mil t. A minorar o volume estimado de importações, conta-se apenas com o freio que a alta de preços imporá ao consumo. Entretanto, por se tratar de um ano de escassez de carne bovina, 1978 pressionará a demanda de carne de animais de pequeno porte, agravando a demanda por rações, e particularmente pelo milho.

Assim, apesar de ser o 3º maior produtor de milho do mundo, o Brasil se verá forçado, este ano, a recorrer a importações do produto, perdendo também as divisas que poderia obter com um produto de razoável importância potencial na pauta de exportações agrícolas do país.

ALGODÃO

ALÍVIO TEMPORÁRIO À GRAVOSIDADE.

Foi concedido, até o dia 28/2 do presente ano, o prazo para escoar o excedente exportável da safra brasileira de algodão – 150 mil t – mediante subsídio de 20%.

No mercado mundial, vem ocorrendo leve recuperação nos preços internacionais da fibrosa em decorrência da menor intenção do plantio do principal produtor mundial de algodão (EUA). Internamente, os preços vêm acusando aumento bastante moderado. A gravosidade, entretanto, tem declinado. Em 16/1 situava-se em torno de 23%, FOB, para o tipo 4, e no dia 26 deste mês a gravosidade já estava por volta de 19%. O tipo 5 vem-se mostrando gravoso em 20% desde o dia 19/1. Sendo assim, pode-se observar que o subsídio agora é suficiente para cobrir a gravosidade do produto. Mas até quando esta vantagem continuará? Ou por outra, será que no espaço de um mês poderá haver o escoamento do excedente que se prevê exportar (30 a 35 mil t)?

ATITUDE DOS COMPRADORES É CRUCIAL.

Se os exportadores começarem a forçar a venda para não terem que entregar seu produto para o Governo Federal ao preço mínimo também em 28/2 , o preço de exportação poderá se reduzir . Mesmo que nestes 30 dias os preços internos para os tipos 4 e 5 permaneçam estáveis, o hiato entre as cotações internas e internacionais voltará a ser maior do que o subsídio, desestimulando novamente a exportação. Entretanto, o escoamento externo do produto poderá ser agravado se os preços internos começarem a subir devido à maior agressividade dos compradores nacionais. Estes provavelmente gostariam de antecipar suas compras adiantando-se à nova temporada pelo simples motivo de que o preço mínimo do pluma para a safra meridional 77/78 deverá ficar entre Cr$ 295,00 e Cr$ 298,00 . Hoje a cotação se encontra em Cr$ 292,00 para o tipo 5.

MAIS SUBSÍDIO BENEFICIARIA PRODUTORES E EXPORTADORES.

Preços internos aumentando até alcançar o novo preço mínimo, e as cotações internacionais declinando, são fatores que levam os exportadores a pedirem um subsídio maior, mesmo que, hoje, este seja suficiente para cobrir a gravosidade. Por fim, cabe

lembrar que, concedendo o incremento ao subsídio, o governo estaria transferindo renda para o exportador e produtor internos e não para o consumidor externo, pois este compra ao preço vigente no mercado internacional que não é o preço subsidiado.

LÃ

ESTABILIDADE NO MERCADO DE LÃ DE SIDNEY.

Apesar das condições de estabilidade nas cotações de lã durante a primeira metade desta estação (julho a dez/77), o preço médio no mercado de Sidney, durante este período, foi ligeiramente inferior ao preço médio da safra passada (76/77).

Isto decorreu do menor volume de vendas efetuadas ao Hemisfério Norte, neste inverno. Além disso, existe um razoável volume de estoques em mãos dos principais compradores de lã australiana – Japão, Alemanha Ocidental e França –, o suficiente para reduzir a demanda em 78. Por outro lado, barreiras protecionistas estão sendo impostas pela Europa Ocidental.

PREÇOS NÃO DEVEM SOFRER GRANDES REDUÇÕES.

Entretanto, não se espera maiores reduções nos preços para a segunda metade desta safra, mesmo ocorrendo queda na demanda mundial. A última previsão da safra australiana de lã é 21% menor que a passada (76/77) devido à queda de 9% no número de ovelhas para a tosquia, em conseqüência de condições climáticas desfavoráveis (seca). Por outro lado, ainda que haja cartel japonês para controle dos subprodutos de lã nos próximos meses, espera-se que o inverno induza o Reino Unido a incrementar o consumo de lã australiana.

AWC PODERÁ TENTAR IMPEDIR DEPRESSÃO NOS PREÇOS A CURTO PRAZO.

É bem provável que a Australian Wool Corporation (AWC) compre pelo menos de 20 a 30% dos fardos oferecidos no início desta segunda metade de safra, com a finalidade de impedir qualquer depressão nos preços a curto prazo.

PLANO INTERNO.

No plano interno, mesmo ocorrendo alguma queda na demanda mundial por lã, o Brasil não se verá prejudicado. A atual safra brasileira (32 a 35 mil t) deverá ser quase totalmente consumida no mercado internacional, o que nos tornará pouco sensíveis a qualquer arrefecimento do consumo internacional. A colocação interna parece ser vantajosa desde que não ocorra uma sensível recuperação do preço internacional, o que é, aliás, improvável.

TRIGO

O PLANTIO PODERÁ NÃO SOFRER REDUÇÃO.

Independentemente do valor estabelecido para o preço de garantia do trigo brasileiro, a disponibilidade de sementes para a safra de 1978 poderá tornar-se um sério fator limitativo ao desenvolvimento da triticultura nacional. Embora se comente a possibilidade de redução na área dedicada ao plantio de trigo no país, a inexistência de alternativas válidas para a lavoura sulina, no período de inverno, atribuirá ao trigo,

inevitavelmente, um lugar certo nos campos.

ESCASSEZ DE SEMENTES NO RIO GRANDE DO SUL.

Ressurge, agora, o problema da oferta de sementes, quando sabemos que a quebra da safra do Rio Grande do Sul limitou em 122.000 t os estoques de sementes no estado. A recomposição da área plantada em 1977 exigiria uma disponibilidade de cerca de 150.000 t. Aparentemente, como se espera redução na extensão dos trigais gaúchos, o estoque poderá atender à demanda estadual por sementes fiscalizadas. No entanto, o baixo peso hectolítrico do trigo colhido e o baixo teor germinativo obtido deixarão utilizável um volume bem menor, o que obrigará o estado a importar sementes do Paraná.

VARIEDADES DIFERENCIADAS POR REGIÃO DE PLANTIO.

Ora, ao longo dos anos, nossa pesquisa tritícola tem apresentado aos produtores uma gama de cultivares melhor adaptados a nossas condições de clima e de solo. A eles vieram somar-se, nos últimos anos, variedades introduzidas a partir do México e do Paraguai que se aclimataram satisfatoriamente aos campos de cultivo paranaenses. Deste modo, surgiu a diferenciação de variedades por regiões apesar da inexistência de sistemas de produção elaborados para este fim.

PARANÁ DEVERÁ COBRIR DÉFICIT DE SEMENTES NO RGS.

A disponibilidade de, aproximadamente, 310.000 t de sementes fiscalizadas no PR, cujo elevado teor germinativo propiciará um plantio estimado entre 1,6 e 1,8 milhão de hectares (o estado plantou 1,37 milhão de ha em 1977) pode, à primeira vista, sugerir uma folga, visto que os triticultores paranaenses necessitariam de apenas 235.000 t para repetirem sua área de plantio de 1977. Caso não resolvam expandi-la, seu excedente poderá ser exportado para o Rio Grande do Sul.

LIMITAÇÕES À UTILIZAÇÃO DAS SEMENTES PARANAENSES.

Ocorre, porém, que mais de 45% das sementes da reserva paranaense são constituídos por variedades mexicanas, não refratárias ao elevado percentual de alumínio do solo rio-grandense e ao clima preponderante ao sul do Paraná. A variedade brasileira participante da reserva e passível de plantio no RS, o IAC–5 (12,7% das reservas), pelo seu bom desempenho, deverá ser bastante requisitada pelos plantadores locais.

INCREMENTO DE ÁREA E POSSIBILIDADE DE IMPORTAÇÕES.

A boa qualidade do trigo paranaense também atuará como fator limitativo da efetividade das reservas de sementes nesse estado: o aumento do peso dos grãos levará a que se utilizem de 170 a 180 kg/ha de sementes para a semeadura no PR, contra os anteriores 125 kg/ha, reduzindo ainda mais o excedente. A hipótese não descartada de crescimento da área plantada no estado, se concretizada, afetará ainda mais uma situação já bastante delicada, passível de nos levar à aquisição de sementes no exterior, à semelhança de anos anteriores.

AÇÚCAR

ELEVADOS ESTOQUES MUNDIAIS.

Segundo as estimativas da empresa alemã F.O. Lichts, a produção mundial de açúcar, na safra 77/78, deverá se situar em torno de 92,6 milhões de t, com um consumo da

ordem de 86 milhões de t. Isto conduziria os estoques mundiais a um nível recorde, de aproximadamente 30 milhões de t, até o final de agosto deste ano. Sendo assim, a relação estoques/consumo atingiria 31,4%, nível bem acima do considerado normal (28%).

RAZÕES DO ADIAMENTO DO ACORDO INTERNACIONAL DO AÇÚCAR.

Este quadro estatístico, e preços ainda mais baixos do que os praticados hoje, conduziram à homologação do Acordo Internacional do Açúcar (AIA), previsto para vigorar a partir de 1º de janeiro de 1978. Entretanto, a entrada efetiva do acordo foi adiada para o segundo semestre, 1º de julho, na expectativa de se alcançar a adesão da Comunidade Econômica Européia (CEE), ou pelo menos, de se conseguir compatibilizar sua política de comercialização de açúcar com os objetivos do AIA.

O controle de preços pretendido pelos signatários do AIA será muito menos eficiente se nenhuma dessas duas possibilidades ocorrerem, porque este mecanismo dependerá em parte do tamanho da oferta da CEE, notadamente de açúcar refinado.

SOBRETAXA NORTE-AMERICANA.

Paralelamente a estes acontecimentos, os EUA, que haviam adotado uma sobretaxa variável de importação, tiveram que optar por outra alternativa, devido aos problemas de ordem alfandegária e à inexistência das cotações do preço *spot* na Bolsa de NY, sobre o qual a operacionalidade da sobretaxa se baseava.

Alternativamente, os EUA impuseram uma sobretaxa fixa ao açúcar importado (2,7 cents/lb-peso para o não-refinado e 3,22 cents/lb-peso para o refinado), valendo-se desta medida para proteger o produtor interno e restringir ainda mais as importações deste ano, cujas previsões se situarão entre 3,5 e 4 milhões de t. Para 1977, as importações foram da ordem de 6,1 milhões de t.

EXCEDENTES DE AÇÚCAR NO MERCADO NORTE-AMERICANO.

Esta medida protecionista norte-americana com relação ao quadro de superprodução mundial deverá aumentar os excedentes de açúcar no mercado internacional, além de incentivar a manutenção da área plantada em seu país para um produto que não consegue preço competitivo no mercado.

Portanto, diante deste panorama internacional, é prudente esperarmos com reserva o desenrolar de nossas exportações de açúcar neste ano.

SOJA

NOVAS ESTIMATIVAS DO USDA TÊM INFLUÊNCIA BAIXISTA.

O mês de janeiro teve, no comportamento das cotações do complexo soja na Bolsa de Chicago, o reflexo direto das informações sobre as safras dos EUA e do Brasil, países cuja participação conjunta na oferta mundial da leguminosa alcança quase 80%. Pelo lado norte-americano, as surpresas causadas pela divulgação de novas estimativas do USDA foram responsáveis por um enfraquecimento geral do mercado. Quando as ex-

pectativas eram de uma revisão da grande safra dos EUA, em que fossem corrigidas possíveis super-avaliações, a estimativa final da safra apresentou um número inesperado: 46,7 milhões de t, ou seja, uma safra 36% maior do que a anterior. Em meados de janeiro, a American Soybean Association calculara que a extensão da área de plantio da soja nos EUA atingiria, em 1978, 62 milhões de acres, caso o preço do grão se mantivesse em torno de US$ 5,75/bushel, até a época do plantio. Os resultados da pesquisa referente às primeiras intenções dos fazendeiros norte-americanos, porém, lhes atribuíram a propensão a ampliarem seus cultivos em 8% sobre os do ano anterior, superando os 63 milhões de acres. Isto reforçou a tendência baixista do mercado, endossada, a seguir, pela divulgação do cálculo dos estoques norte-americanos de soja em grãos em 1º/1/78, de 35,6 milhões de t. O fato de se chegar a este número significa que a média do desaparecimento (exportações mais esmagamento) da soja nos EUA, entre setembro e dezembro, alcançou 3,745 milhões de t/mês. Mesmo se admitindo a manutenção desta elevada taxa até agosto, os EUA teriam em 1º/1/78 um estoque remanescente de 5,6 milhões de t, o dobro do estoque *carry over* de 1º/9/77.

PROBLEMAS COM A SAFRA BRASILEIRA.

A força da demanda pelo farelo de soja no mercado internacional, associada a rumores sobre uma possível quebra na produção brasileira, apresentava-se como precário fator de sustentação das cotações numa faixa acima dos US$ 5,70/bushel, cuja horizontalidade parecia sugerir uma perspectiva de estabilidade naquele nível. Ao impacto das novas estatísticas norte-americanas somaram-se, porém, notícias sobre chuvas nas regiões produtoras brasileiras, contribuindo para a depressão das cotações. A recuperação da lavoura nacional de soja afetada pela estiagem é, contudo, incerta, pois ao lado do problema climático, que ainda persiste, ocorreu o fenômeno da floração precoce e o conseqüente aparecimento de vagem em plantas de pequeno porte. Desta forma, os acréscimos de área (6,1% no RS, 6,5% no PR e 7,2% na média nacional) poderão não ser suficientes para que se ultrapasse significativamente o volume de produção de 1977, devido à queda de produtividade.

FATORES QUE PODERÃO AFETAR A COMPOSIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS.

A composição das exportações brasileiras do complexo soja deverá ser afetada por dois fatores divergentes: a) a abertura das exportações do complexo soja encontrou o farelo e o óleo menos beneficiados por incentivos à exportação do que em anos anteriores, o que favorece as exportações de grão; b) a elevada capacidade de esmagamento do parque moageiro brasileiro favorece a exportação dos derivados.

MAIOR PRESSÃO NA DEMANDA POR GRÃO.

O segundo fator é o responsável pela constante presença compradora das indústrias no mercado interno, adquirindo à vista, para entrega em três ou quatro meses. Tal pressão da demanda por grão gera apreeensões junto aos pequenos esmagadores, cuja menor liquidez e custos mais elevados não lhes permitirão maior participação na industrialização da soja. Em anos anteriores, tal participação foi, até certo ponto, facilitada pelos altos preços praticados no mercado externo, o que favoreceu uma complementação de ganhos aos pequenos industriais na intermediação especulativa do produto. Este ano, porém, poderemos vir a presenciar as primeiras ocorrências de sérias

dificuldades econômico-financeiras no ramo de processamento da soja.

Também colaboraram neste número os seguintes estagiários:

Irene Freire Raguenet
Sônia Uderman
Lauro Flávio Vieira de Faria
Rogério Carneiro Campello
Pedro Henrique Junqueira Reis
Jorge Batista Torres

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas de organização racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativos e social, e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro.

Sede: Praia de Botafogo, 190 — Caixa Postal: 9.052 — ZC-02
Tel: 266-1512
CEP: 20.000 — Rio de Janeiro — RJ

CONSELHO DIRETOR
Presidente: Luiz Simões Lopes
Vice-Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Membros: Alberto Sá Souza de Brito Pereira, Carlos Medeiros Silva, Eugenio Gudin, José Joaquim de Sá Freire Alvim, Isaac Kerstenetzky e Octávio Gouvêa de Bulhões.

CONSELHO CURADOR
Presidente: Maurício Nabuco
Vice-Presidente: Alberto Pires Amarante
Membros: Aldo Batista Franco, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Antônio Garcia de Miranda Netto, Antônio Ribeiro França Filho, Apolônio Jorge de Faria Salles, Celso Timponi, Cesar Reis de Cantanhede e Almeida. Estado de São Paulo — representado por: Murilo Macedo, Francisco Montojos, Heitor Campello Duarte, Henrique Domingos Ribeiro Barbosa, João Carlos Vital, Joaquim Bertino de Moraes Carvalho, José de Nazaré Teixeira Dias, Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira, Paulo de Tarso Leal, Rafael da Silva Xavier, Rubens D'Almada Horta Porto e Theodoro Arthou.

Presidente: Luiz Simões Lopes
Superintendente Geral: Roberto Hermeto Corrêa da Costa

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

COMISSÃO DIRETORA
Presidente: Octávio Gouvêa de Bulhões
Membros: Eugenio Gudin, Angelo Jorge de Souza, Janes Angelo de Souza, Julian Magalhães Chacel e Mário Henrique Simonsen.
Assessor de Direção: Jorge Kingston

DEPARTAMENTO DE ENSINO
Diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia: Carlos Geraldo Langoni

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Diretor: Julian Magalhães Chacel

Divisão de Contabilidade Social
Diretor: Angelo Jorge de Souza
Centro de Contas Nacionais — Ralph Miguel Zerkowski
Centro de Estudos Fiscais — Margaret Hanson Costa
Centro de Estudos Industriais — Eden Gonçalves de Oliveira

Divisão de Estatística e Econometria
Diretor: Janes Angelo de Souza
Centro de Estudos Agrícolas — Silvio Wanick Ribeiro
Centro de Estatística Econômica — Roberto Maia de C. Abib
Centro de Processamento de Dados — Eugenio Decourt



Não sendo encontrado o destinatário, devolver ao
GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
Av. Gomes Freire, 647 – 10º andar
ZC-58 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL